

A história real das mulheres que para sobreviver
costuraram para a elite nazi

GUIÃO
DE
LEITURA



AS
COSTUREIRAS
DE
AUSCHWITZ

Lucy Adlington

CRÍTICA

AS
COSTUREIRAS
DE
AUSCHWITZ

Lucy Adlington

GUIÃO DE LEITURA

CRÍTICA

1

A autora explica que a descoberta da história das verdadeiras costureiras de Auschwitz só foi possível através de ligações feitas por causa do seu romance de ficção – *The Red Ribbon*. Será a ficção do Holocausto justificada como uma resposta criativa à tragédia, ou será que tal ficção distorce a realidade?

2

Aprender a costurar foi, em tempos, uma parte essencial da educação das raparigas, lançando a base para a costura doméstica e os consertos, bem como para o trabalho profissional. Será esta uma das razões pelas quais os têxteis são frequentemente negligenciados na História – porque têm sido demasiadas vezes descartados como sendo «trabalho feminino»? Existe uma tradição de costura doméstica na sua família? Será que a costura e o artesanato têxtil são valorizados hoje em dia?

3

Na Alemanha dos anos de 1930, os consumidores eram intimidados acerca das suas escolhas de compra: era-lhes dito «Não comprem aos judeus», comprem apenas a organizações arianas como a ADEFA. Quão fácil acha que seria resistir a tal propaganda? Faz (ou pode fazer?) escolhas ativas na hora de comprar com base no que pensa ser ético?

4

Quando as pessoas chegavam como prisioneiras a Auschwitz e a outros campos de concentração, eram despojadas à força de tudo o que vestiam. A leitura de tal humilhação deliberada pelas SS torna-o consciente do poder do vestuário para nos conferir humanidade? Como tentaram os prisioneiros recuperar o sentido de dignidade quando lhes foi distribuído vestuário de reclusos?

5

É fácil dizer «Não julgue uma pessoa pela aparência», mas muitas vezes fazemos suposições baseadas nas roupas e na elegância. Os nazis compreenderam esta forma de psicologia. Como fizeram eles para que a aparência funcionasse a seu favor no que diz respeito aos uniformes?

6

Em Auschwitz-Birkenau, Bracha Bercovič disse que «se elas não tivessem quaisquer contactos, não tinham sorte». Através da sua amiga Irene Reichenberg, conseguiu um lugar no Salão de Alta-Costura. O comandante do campo, Rudolf Höss, desdenhou dos reclusos que tentaram obter melhores posições de trabalho no campo de concentração. Quão importante acha que era uma rede de familiares, amigos e aliados para a sobrevivência dos prisioneiros?

7

Marta Fuchs, a esperta e compassiva *kapo* do Atelier de Alta-Costura, era uma parte ativa do submundo do campo. Estava ciente de que havia Resistência em Auschwitz? Quais foram algumas das formas que os reclusos encontraram para afirmar a sua humanidade e desafiar os seus opressores?

8

A esposa do comandante Hedwig Höss descreveu a vida na sua *villa* em Auschwitz como sendo paradisíaca. Ela lucrou com os bens saqueados e o trabalho escravo, aparentemente sem quaisquer escrúpulos morais. Encontra semelhanças com outros sistemas de escravatura e exploração?

9

O lema infame à entrada do campo principal de Auschwitz é *Arbeit Macht Frei* – O Trabalho Liberta. É evidente que, para a maioria dos reclusos no campo, o trabalho significava sofrimento e morte prematura. Para as costureiras do Ateliê de Alta-Costura, o seu trabalho significava uma possível segurança e estarem em boa companhia. Como pensa que lidaram com o facto de saberem que estavam a vestir o inimigo?

10

A académica e sobrevivente doutora Lore Shelley, nascida em Weinberg, dedicou muitos anos a recolher testemunhos pessoais, incluindo relatos escritos por costureiras do Ateliê de Alta-Costura. Marta Fuchs, *kapo* do salão de moda de Auschwitz, estava demasiado doente para se corresponder com a doutora Shelley quando foi convidada para o fazer nos anos de 1980. Marta tinha também recusado testemunhar nos julgamentos do pós-guerra contra Rudolf Höss e outros criminosos das SS, apesar do seu conhecimento íntimo da vida na casa Höss. Quais podem ser os desafios para os sobreviventes quando se fala das suas experiências após a guerra?

11

As roupas contam histórias e guardam memórias. Muitas exposições em museus do Holocausto mostram artigos pessoais que outrora pertenceram a deportados dos campos de concentração, incluindo sapatos e vestuário. Acha que estabelecem uma ligação com estas vidas passadas? Alguma vez pensa em como as suas próprias roupas são feitas e no que lhes acontece quando são descartadas?

12

A autora teve o privilégio de conhecer a última costureira sobrevivente do Ateliê de Alta-Costura de Auschwitz – Bracha Kohút, nascida Bercovič. Infelizmente, a senhora Kohút morreu apenas alguns meses antes do seu 100.º aniversário. O que lhe teria perguntado se pudesse? O que gostaria de lhe ter dito?